

**Investigação epistemológica
da homossexualidade feminina na
obra de Freud: uma perspectiva
lewino-bruniana**

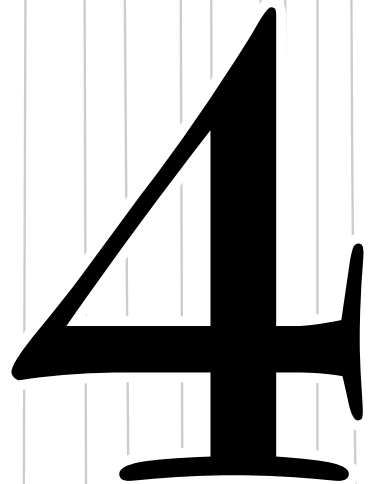
*An epistemological research on the feminine
homosexuality in Freud: a lewino-brunian perspective*

Ricardo L. L. Barrocas

Professor do Departamento de Psicologia da UFC

Doutor em Psicologia pela Universidade Paris 13

rbarrocas@uol.com.br



Resumo

Fazemos aqui uma investigação epistemológica sobre a homossexualidade feminina. Considerando tanto a distinção de Kurt Lewin entre os modos, aristotélico e galileico de pensamento na ciência quanto a ideia bruniana da relatividade do movimento, procuramos na obra de Freud, uma perspectiva teórica diversa daquela de sua dicotomia aristotélica entre normalidade e anormalidade. Encontramos a indicação da homossexualidade como uma variedade da organização genital feminina. Esta variedade foi atribuída à concepção do complexo de Édipo completo para estabelecer um *continuum* entre as feminilidades heterossexual e homossexual. Propomos esse *continuum*, que concerne também à bissexualidade constitucional e à “femeidade” (*femelléité*, conceito de Colette Chiland), como um novo critério de legitimidade para a homossexualidade aludida.

Palavras-chave: Epistemologia. Psicanálise. Pensamento aristotélico e galileico na ciência. Bissexualidade. Femeidade. *Continuum* entre as feminilidades heterossexual e homossexual.

Abstract

This is an epistemological investigation of the feminine homosexuality. One has considered both Kurt Lewin's distinction between the aristotelian and galilean ways of thought in science and the brunian idea of relativity of movement, and searched, in Freud's works, a new theoretical perspective far away from his aristotelian dichotomy between normality and abnormality. One has then found out the indication of homosexuality as a variation of the genital organization. This variation was assigned to the conception of the complete Oedipus complex in order to establish a *continuum* between heterosexual and homosexual femininity. One proposes this *continuum*, which regards both constitutional bisexuality and femaleness (*femelléité*, a concept by Colette Chiland), as a new criterion to legitimize the feminine homosexuality.

Keywords: Epistemology. Psychoanalysis. Aristotelian and galilean thought in Science. Bisexuality. Femaleness. *Continuum* between heterosexual and homosexual femininity.

O avanço do conhecimento [...] não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições. A física proporciona excelente ilustração da forma pela qual, mesmo “conceitos básicos” que tenham sido estabelecidos sob a forma de definições, estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo. (FREUD, 1974, p. 173).

Propomo-nos a fazer uma investigação epistemológica do pensamento de Freud quanto à homossexualidade feminina. Como em relação à homossexualidade em geral há duas referências – ora ele a atribuiu a uma anormalidade, ora a uma variação da função sexual –, consideramos ter-lhe ocorrido o que Lewin caracterizou como conflito entre os modos aristotélico e galileico de pensamento. Tal conflito implicava uma transição entre o modelo de ciência dos “físicos aristotélicos medievais”, cuja influência ainda se fazia sentir no início do século XX, e aquele dos “físicos pós-galileicos”. Lewin propôs tratar certas questões de algumas das psicologias da referida época comparando-as com o desenvolvimento teórico e conceptual que ocorrera na Física. Para ele, este procedimento poderia “fornecer uma perspectiva acima das dificuldades encontradas”. (LEWIN, 1975, p. 13).

Eis o que Lewin fala a esse respeito:

O agrupamento de eventos e objetos em pares opostos e dicotomias lógicas similares está sendo substituído por agrupamentos que, com a ajuda de conceitos em série, permitem a variação contínua; isto, em parte, é simplesmente devido à experiência mais ampla e ao reconhecimento de que as fases de transição estão sempre presentes. [...] Em especial, a doutrina de Freud – e foi esse um dos seus maiores serviços – contribuiu imenso para a abolição das fronteiras entre o normal e o patológico, o ordinário e o incomum, e promoveu ainda mais, por conseguinte, a *homogeneização*¹ de todos os campos da psicologia². Este processo ainda está, por certo, muito longe de ser completo, mas é inteiramente comparável ao que foi introduzido na física moderna e pelo qual os (fenômenos) celestes e terrenos foram unidos. (LEWIN, 1975, p. 32).

¹ Grifo do autor citado.

² Compreendemos o que aí Lewin chama de psicologia: aquela que, por se referir ao Inconsciente, Freud chamou de abissal: a psicanálise.

Resumimos o que, conforme Lewin (1975, p. 35), ilustra a oposição entre os modos de pensamento aristotélico e galileico, quanto à validade dos fenômenos e aos métodos de observação³. No primeiro, só é legítimo o que ocorre regular e frequentemente. Todos os casos individuais, isto é, singulares, são julgados fortuitos. Nessa perspectiva, o que é historicamente comum aos casos considerados é interpretado como a expressão da natureza da coisa. No modo de pensar galileico, como os critérios de regularidade e frequência não são requeridos, consideram-se legítimos os fenômenos mais frequentes tanto quanto os casos individuais. Todos estes são percebidos como um acidente só historicamente condicionado.

Apesar de implicar o pensamento galileico, Freud concluiu sobre a homossexualidade ao modo aristotélico. De fato, em carta de 9 de abril de 1935 enviada a uma mãe norte-americana que se queixava da sexualidade de seu filho, depois de dizer que não se tratava de “*vício, aviltamento*”, tampouco de “*doença*”, Freud caracterizou a homossexualidade como uma “*variação da função sexual*”⁴. (FREUD apud ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 353). Embora a ideia de variação pudesse implicar uma concepção galileica de gradações ou série de fenômenos entre a heterossexualidade e a homossexualidade, Freud não veio a legitimar este raciocínio. Três anos depois, em uma de suas obras finais: *Esboço de psicanálise*⁵, retornando à ideia aristotélica das antíteses conceptuais, ele asseverou: há “*perversão quando a homossexualidade é manifesta*”. (BARROCAS, 2006, p. 190-191).

De acordo com Juliana Carvalho Nascimento⁶, Freud reproduziu a mesma situação quanto à homossexualidade feminina: em *A psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher*, ele ora se refere a uma “*determinada variedade da organização genital*”, ora à “*anormalidade*” de sua paciente. (FREUD, 1976b, p. 193). Havia nesta forma de pensar somente o que era proibido pela sociedade da época?

Vale considerar também o que Nayanny Sampaio Moreira⁷ destaca e aprofunda quanto ao que Freud apontou sobre feminilidade⁸. Na sessão XXXIII de suas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, ele disse: “a

³ Uma exposição mais detalhada será feita mais adiante.

⁴ Grifos dos autores citados.

⁵ Essa obra foi escrita em 1938 e publicada em 1940.

⁶ Psicóloga, aluna no mestrado de Psicologia da UFC.

⁷ Psicanalista e nossa orientanda no mestrado de Psicologia da UFC.

⁸ Por feminilidade, entendemos aquilo que concerne ao desejo em uma mulher.

identificação de uma mulher com sua mãe permite-nos distinguir duas camadas: a pré-edipiana, sobre a qual se apoia a vinculação afetiva com a mãe e esta é tomada como modelo, e a camada subsequente, advinda do complexo de Édipo que procura eliminar a mãe e substituir seu lugar junto ao pai”. (FREUD, 1976f, p. 164). Perguntamo-nos se ao enfatizar a *inveja do pênis*⁹ e não aquilo que da diferença sexual, pela mãe, induziria a identidade de gênero na filha, não teria Freud deixado de lado dados imprescindíveis, próprios da feminilidade? A feminilidade entendida como aquilo que concerne ao desejo de uma mulher na heterossexualidade como na homossexualidade?

Eis a sequência deste trabalho. Desenvolvemos inicialmente o que Kurt Lewin comentou sobre a situação científica de Freud para, depois, explicá-la mediante a ideia bruniana da relatividade do movimento. A introdução que acabamos de fazer sobre os fundamentos epistemológicos adotados pode parecer algo inatual porque nos referimos ora a um trabalho que Lewin publicou primeiramente em 1931¹⁰, ora ao que remonta ao pensamento de Giordano Bruno¹¹, isto é, às últimas décadas do século XVI. Todavia, na medida em que prossiga, o leitor poderá constatar como esse recurso se revelará útil e contemporâneo. Depois de fazermos alusão a alguns autores com cujas ideias justificamos certos aspectos da problemática tratada, discorreremos sobre a homossexualidade feminina na obra de Freud e procederemos, finalmente, a guisa de conclusão, a uma leitura dos dados coletados.

A perspectiva epistemológica adotada

Segundo Lewin, a perspectiva teórica de Bruno foi tão relevante quanto aquelas de Kepler e Galileu. Os três foram determinados “pela ideia de uma unidade abrangente do mundo físico”. (LEWIN, 1975, p. 21). De fato, para eles,

a mesma lei rege os cursos das estrelas, a queda das pedras e o voo dos pássaros. Essa homogeneização do mundo físico, com respeito à validade da lei, priva a divisão de objetos físicos em classes rígidas, abstratamente definidas, daquele significado crítico que tal divisão tinha para a física aristotélica, quando a pertença a certa classe

⁹ Grifo nosso.

¹⁰ A referência quem dá é Lewin (1975, p. 13, nota): *Jour. Gen. Psychol.*, v. 5, p. 141-177, 1931. Ed. por Carl Murchison.

¹¹ Giordano Bruno (1548-1600).

conceptual, era considerada determinante da natureza física de um objeto. (LEWIN, 1975, p. 21).

Esse modo de pensamento que foi introduzido na Física moderna, quando comparado àquele dos físicos aristotélicos medievais, faz perceber certos efeitos. Para Lewin (1975, p. 21) ocorre aí uma “perda de importância das dicotomias lógicas e das antíteses conceptuais”. Passa-se a considerar então, “transições cada vez mais fluidas, por gradações que privam as dicotomias de seu caráter antitético” (1975, p. 21). De fato, a oposição conceptual aludida está menos interessada “pelos matizes pessoais da teoria em Galileu e Aristóteles do que por certas diferenças nos modos [...] que determinaram a pesquisa real dos físicos aristotélicos medievais e pós-galileicos”. (LEWIN, 1975, p. 13).

Como já expusemos, de acordo com Lewin (1975), a história da Física contemporânea ilustrou a superação do modo aristotélico de pensamento. Repetimos: nessa nova concepção de ciência, foram abolidos os critérios aristotélicos de regularidade e frequência com que se julgavam os casos individuais: singulares. Como passaram a vigorar novos métodos de observação e nova concepção de validade, todos os fenômenos observáveis, inclusive os dos casos individuais, puderam ser considerados legítimos, ou seja, deixaram de ser percebidos como fortuitos. Por conseguinte, o campo da investigação pôde ganhar nova dimensão. Perderam seu valor, seja o critério estatístico de generalização pela média calculada, seja o hábito de fazer valer o que não foi obtido diretamente da observação.

Percebemos aí aquilo que Piaget entende por objetividade. De fato, para ele, esta não se obtém senão mediante uma descentração do sujeito individual ou psicológico a favor do sujeito epistêmico: “o que há de comum a todos os sujeitos de um mesmo nível de desenvolvimento”. (PIAGET, 1980, p. 25-26). Os sujeitos epistêmicos são principalmente aqueles que, mediante a utilização do mesmo método, chegam ao que há de patente observável no seu objeto de estudo.

Em sua versão galileica, a Física contemporânea procedeu à superação das dicotomias, dos conceitos avaliatórios e explicitamente normativos, das classificações abstratas e, por conseguinte, das leis que não se referiam às propriedades dos fenômenos observados. Consideramos que esse avanço epistemológico, que fomentou a homogeneização dos campos físicos e a abolição da noção de lugares e direções privilegiados, remonta também à concepção, de Bruno, da relatividade do movimento. Eis um a definição desta última:

Não há centro nem circunferência, [...] alto e baixo são conceitos puramente relativos, tão relativos quanto direita e esquerda. Tudo está à esquerda ou à direita, tudo está em baixo ou em cima, como se queira. Quanto ao movimento circular, à volta do centro, qualquer ponto do espaço pode ser tomado como centro¹², pois nenhum o é realmente; todos os pontos do espaço infinito se equivalem¹³. (KOYRÉ, 1986, p. 220-221).

Alhures, mostramos que é exemplo da relatividade do movimento o que Freud atribuiu aos efeitos da repressão sobre a bissexualidade constitucional¹⁴. Tal raciocínio, em Freud, caracteriza um aspecto do modo de pensar galileico.

A bissexualidade constitucional existe nos dois sexos, e, em cada um, ela implica dois aspectos: um positivo e outro negativo. Estes constituem as atitudes, masculina e feminina tanto do menino quanto da menina em relação aos modelos sexuais representados pelo casal parental. Quer dizer, como a identificação com o genitor do mesmo sexo implica não sentimentos hostis de rivalidade somente, mas também o amor pelo qual, por vezes, a criança deseja substituir o genitor do sexo oposto. [A repressão¹⁵] é o que faz sucumbir isso que nega a identificação com o genitor do mesmo sexo. (BARROCAS, 2007, p. 102).

Problema e justificação da investigação

Quanto à homossexualidade feminina, o pensamento de Freud teria sido completamente galileico se ele tivesse legitimado também aquilo que chamou de variedade da organização genital. Todavia, como ele atrelou seu raciocínio (FREUD, 1976b, p. 189) ao que era “proibido pela sociedade”, a feminilidade ficou restrita apenas a um de seus aspectos. De fato, Freud privilegiou aquilo que da repressão, em relação à bissexualidade

¹² Grifos do autor citado.

¹³ Segundo Koyré (1986, p. 212-224, grifo nosso), “a influência exercida por Bruno parece-nos ter sido muito maior do que se admite habitualmente. [...] Parece-nos certo que Galileu o conhecia perfeitamente; se dele não fala, não é por ignorância, mas por prudência”. “Bruno [...] opera uma transformação – verdadeira revolução – da imagem tradicional do mundo e da realidade física. Infinidade do universo, unidade da natureza, geometrização do espaço, negação do lugar, *relatividade do movimento*: estamos muito perto de Newton. O cosmos medieval está destruído”.

¹⁴ Referimo-nos à constituição psíquica inconsciente do indivíduo.

¹⁵ Por repressão, entendemos o que outros autores chamam de recalque.

constitucional, concernia somente à homossexualidade. Para ele, a repressão faria ceder “a inveja do pênis – um esforço positivo para possuir um órgão genital masculino”. Após a fase fálica, isso se converteria no “desejo de ter um bebê e de um marido que possui um pênis”. (FREUD, 1975, p. 285). O critério de regularidade foi aí definido pela finalidade da procriação.

A esse respeito, Freud não permaneceu sem certas críticas e propostas de *ajustes* teóricos. Sem a pretensão de caracterizar uma lista exaustiva de referências, mencionamos o que provém de autores da psicanálise, do movimento feminista e da antropologia. Conforme Mitchell, “Freud produziu uma interpretação biológica errônea” ao referir-se à “inveja do pênis”. Seria preciso distinguir tal entendimento do que na realidade não constituiria senão uma “inveja do poder fálico¹⁶”. Para esta psicanalista, “a menina aprende que [...] não tem poderes fálicos e assim não possuirá, [...] nem agora nem nunca, sua mãe ou uma futura substituta”. (MITCHELL, 1988, p. 10). Consideramos pertinente o que a autora mostra quanto à inveja do poder fálico. Todavia não o é totalmente o destino que ela vislumbra decorrer desta situação.

Uma crítica radical foi feita por Colette Chiland: Freud teve ideias “pouco revolucionárias, bem reacionárias sobre as mulheres”. Apesar de conceber a bissexualidade do ser humano, ele não reconheceu o clitóris como um órgão sexual feminino, mas enquanto “um vestígio do órgão sexual macho. A masturbação clitoridiana seria [...] masculina. A menininha ignoraria ter uma vagina. Daí [...] a necessidade de uma mudança de zona do clitóris para a vagina”. (CHILAND, 1993, p. 244).

De acordo com a mesma autora (CHILAND, 1993, p. 245-246), “a menina não é um ser castrado¹⁷”, mas, diferente do menino. “Ela apenas tem órgãos internos e invisíveis (os que irão lhe irão permitir ter filhos)”. O “clitóris é um órgão sexual feminino”. A bissexualidade é muito mais psíquica e identificatória do que anatomofisiológica. Freud não enxergou “a importância da inveja que o homem tem da femedade”, nem teve êxito ao definir a feminilidade apenas do ponto de vista masculino. (CHILAND, 1993, p. 246). Todavia, embora conservador quanto à mulher, ele foi revolucionário ao reintegrar na sexualidade humana as sexualidades: infantil e perversa¹⁸, excluídas por uma visão moralizadora e normativa. A sexualidade humana tem

¹⁶ Acrescentamos que há inveja do pênis somente nos casos de psicose em que uma mulher está convencida de que realmente possui um pênis. Voltaremos a este assunto.

¹⁷ Todos os grifos são da autora citada.

¹⁸ Não aprofundaremos este assunto neste texto.

seus conteúdos psíquicos: as fantasias são constantemente ativas. (CHILAND, 1993, p. 246).

Para Chiland (CHILAND, 1993, p. 242), a “femeidade (*femelléité*¹⁹)” concerne principalmente à realidade biológica das mulheres. Os aspectos “cromossômico, gonádico e genital externo” do sexo não são, contudo, o que determina “a identidade sexuada”, mas “o sexo de designação” mediante o qual a criança “foi educada e investida por seus pais”. (CHILAND, 1993, p. 242). Tal entendimento se refere ao que outros autores chamam de gênero. A femeidade implica certas determinações:

- Durante o ato sexual, o homem penetra a mulher, a vagina recebe o pênis; a *penetração*²⁰ opõe-se à *receptividade* e, fantasisticamente, a intrusão opõe-se à captação;

- A mulher, fêmea mamífera, *carrega os filhos e carrega mamas* suscetíveis de proporcionar leite; os homens (*virí*²¹) não o podem fazer;

- A vida sexual da fêmea humana é marcada por uma descontinuidade visível das etapas que não tem seu equivalente no macho humano, e que se situa *sob o signo do sangue*:

. A primeira menstruação e o ritmo das seguintes,

. A defloração

. As maternidades (gravidez, aleitamento, resguardo dos partos),

. A menopausa, que caracteriza a fêmea humana entre os mamíferos. (CHILAND, 1993, p. 241-242).

Conforme Vale (2006, p. 67), o estudo do “conceito de gênero exige um conjunto *pluridisciplinar e pós-disciplinar*²² de discursos, com vista a resistir à domesticação acadêmica”. Isso implica também “radicalizar a crítica feminista” das “políticas da identidade”.

O “*feminino*²³”, destaca Butler (2002), já não parece mais uma noção estável, sendo seu significado tão

¹⁹ Trata-se de um neologismo nas duas línguas.

²⁰ Todos os grifos são da autora citada.

²¹ Sic.

²² Grifos do autor citado.

²³ Todos os grifos são do autor citado.

“problemático” e “errático” quanto o da mulher. [...] Resolver as questões da *identidade primária*²⁴ ou a questão do *sujeito histórico responsável por nossa escolha ao paraíso*, não constitui mais em prioridade, uma vez que a tarefa política não é monopólio da *filiação* ou da *reprodução biológica*. Para o pós-feminismo *queer*, trata-se assim de pensar uma visão não monolítica do poder e da dominação. O pós-feminismo *queer* – Butler (1991, 2004), Preciado (2000), Haraway (1991) e Bourcier (1999) – recusa uma abordagem heterocentrada, eurocentrada e, em todo caso, totalizante e analógica da dominação. (VALE, 2006, p. 67).

Lembramos ainda alguns pontos, segundo Sousa Filho (2007, p. 25-26), que se fundamenta em Freud, Butler e Ceccarelli, respectivamente: (1) a heterossexualidade como a homossexualidade “são posições libidinais e identificatórias que o sujeito alcança” na “particularidade de sua história”; (2) a bissexualidade psíquica originária sofre uma “prolongada domesticação cultural a favor de uma “heterossexualização compulsória do desejo”; (3) o próprio Freud considera que “o interesse sexual exclusivo de homens por mulheres também” constitui um “problema” que precisa “ser elucidado”; (4) a hipótese da “proibição terminante da homossexualidade pela sociedade” não caracterizaria senão um fator de exclusão.

Paiva (2006, p. 160-161) ressalta que, em relação aos conceitos de masculino e feminino, a perspectiva de Freud implica “uma progressiva redução dos significados [...] com sua gramática opositiva, relativizando até mesmo a distinção atividade/passividade – *grosseira polaridade*²⁵, no dizer de Lacan”. Conforme Paiva (2006, p. 160)), a psicanálise concerniria muito mais a “uma *estética da existência*” do que a uma “*scientia sexualis* (implicando uma codificação jurídico-científico-moral dos atos e dos desejos)”. Segundo Paiva (2006, p. 161), dever-se-ia, a partir de Freud mesmo, tirar a lição da “subversão” que ela pode operar. Isso seria realizável, outrossim, “libertando-a do registro da anatomia, da reprodução, da etologia”.

Inspirando-nos em Lewin e na ideia bruniana de relatividade do movimento, ideia já presente na teoria da bissexualidade constitucional, tentamos encontrar, no próprio Freud, a indicação teórica por meio da qual poderíamos situar uma perspectiva epistemológica acima de suas limitações

²⁴ Grifos do autor citado.

²⁵ Todos os grifos são do autor citado.

aristotélicas. De fato, já que Freud falou sobre a homossexualidade masculina como variação da função sexual e sobre a feminina como uma variedade da organização genital, questionamos: haveria nele o esboço de uma concepção galileica de agrupamentos ou série de fenômenos que permitiriam estabelecer um *continuum* entre a feminilidade heterossexual e as formas da aludida variação, *continuum* com a homossexualidade feminina, por exemplo? Supomos que essa compreensão serviria para fomentar um novo critério de legitimidade, isto é, de validação dos fenômenos referidos. Como não propomos senão, a partir do próprio Freud, encontrar uma nova perspectiva para o assunto exposto, consideramos não incorrer no que Assoun (1983, p. 12-13) chama de “a tentação de completar a aquisição freudiana”.

A homossexualidade feminina em Freud

Em Nota que precede o texto *Algumas consequências psíquicas da distinção entre os sexos* (FREUD, 1976c, p. 303, 304, nota de James Strachey) Strachey²⁶ diz: “desde muito cedo”, isto é, desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, texto de 1905, Freud “queixou-se da obscuridade que envolvia a vida sexual das mulheres”. Um dos resultados desse problema foi ele “presumir que a psicologia das mulheres podia ser tomada simplesmente como análoga à dos homens”. Strachey (FREUD, 1976c, p. 306, nota de James Strachey) afirma ainda que, Freud a partir de seus estudos de 1919 sobre as “fantasias de espancamento”, como o do caso sobre a homossexualidade feminina, publicado em 1920, dá provas “claras provas de insatisfação com a 'analogia exata' entre os dois sexos: 'a expectativa de existir um paralelo completo era equivocada’”. Tentaremos, a partir dos comentários seguintes, enfatizar o que desse assunto pôde implicar a homossexualidade feminina.

No Prefácio à terceira edição de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1972, p. 130) diz que “por trás do processo ontogenético pode-se observar a atuação da disposição filogenética²⁷”. Esta última concerniria ao “precipitado da experiência anterior da espécie, a que se superajuntam como soma dos fatores acidentais, a experiência mais recente do indivíduo”. Freud acrescenta, então, que seu objetivo, até então, tem sido mais “o de descobrir em que medida a investigação psicológica pode esclarecer a biologia da vida sexual do homem”.

²⁶ Editor inglês das obras de Freud.

²⁷ Freud também se referiu a essa disposição filogenética como “fator orgânico”.

Depois de confessar: “espanta-nos [...] descobrir que há homens cujo objeto sexual é outro homem [...] e mulheres cujo objeto sexual é outra mulher e não um homem”, Freud (1972, p. 136) afirma tratar-se aí de “invertidos”: aqueles cujos sentimentos sexuais são contrários aos da maioria das pessoas. Ele desconhecia, no entanto, “o número desses indivíduos”, isto é, dessa minoria “difícil” de precisar. Embora Freud (1972, p. 137) tenha também constatado que alguns homossexuais considerem “sua inversão algo tão natural quanto uma pessoa normal aceita a orientação de sua libido”, enquanto que outros “se revoltam” a esse respeito, ele julgou esses fenômenos ao modo aristotélico. Queremos dizer que ele fez valer somente os critérios de regularidade e frequência da heterossexualidade.

No mesmo texto, Freud discorre sobre a origem da homossexualidade. Como ele não podia aceitá-la como congênita, o que em suas palavras significaria admitir que “nascemos com um instinto²⁸ sexual ligado a um determinado objeto”, ele falou de “influências acidentais” que cooperariam com “alguma coisa no próprio indivíduo”. Essa compreensão corroborava então com o que ele afirmara com Bloch: “o estudo da inversão do ponto de vista patológico foi substituído pelo ponto de vista antropológico”, isto é, da variação cultural das condutas humanas. (FREUD, 1972, p. 139-141, nota 3). Mais adiante, Freud (1972, p. 146) afirma sobre uma das formas da homossexualidade feminina: “as invertidas²⁹ ativas exibem características masculinas, tanto físicas quanto psíquicas, com singular frequência, e procuram, em seus objetos sexuais, a feminilidade conquanto [...] um conhecimento mais aprofundado [...] possa revelar maior variedade”.

Trechos de algumas declarações feitas por Freud nos encontros semanais da Sociedade Psicanalítica de Viena mostram que há mais um fenômeno para considerar sobre a origem da homossexualidade: a bissexualidade constitucional. Encontramos aí um dos dados clínicos em torno do qual se centrou seu raciocínio. Na sessão do dia 6 de outubro de 1907, ele (FREUD *apud* DELRIEU, 1997, p. 433) asseverou: “em nenhum caso, é permitido considerar alguém como homossexual ou heterossexual segundo seu objeto”. Mediante sua concepção dualista aristotélica, na sessão do dia 15 de janeiro de 1908, ele estabeleceu uma regra a esse respeito: quando alguém manifesta “uma atração anormal por um sexo, esta compreende sempre uma tendência mais antiga dirigida ao outro sexo [...] que foi sobrepujada com

²⁸ Por instinto, compreendemos o que outros autores traduziram por “pulsão”.

²⁹ Mediante esse termo, Freud se refere às mulheres homossexuais.

esforço”. Em carta de 20 de fevereiro de 1913 enviada a Binswanger, ele (FREUD *apud* DELRIEU, 1997, p. 430) escreveu: “para a maioria das pessoas normais também, o objeto implica a realização de um desejo bissexual; existe um deslocamento contínuo do homem sobre a mulher e vice-versa³⁰”.

Essas constatações ilustram um conflito entre os modos de pensamento galileico e aristotélico. Por um lado, Freud implicava a bissexualidade constitucional, ou seja, os aspectos, positivo e negativo do Édipo nos dois sexos, todavia, por outro lado, o seu pensamento revelava traços aristotélicos. Ele se referia ainda à regularidade e frequência com que os fenômenos apareciam. Embora a alusão aos dados estatísticos fosse vaga, ele recorria também às dicotomias: normal-anormal, normalidade-perversão e heterossexualidade e inversão, desvio da heterossexualidade etc.

Outro exemplo dessa oscilação entre dois modos de pensar encontra-se no que Freud (1976e, p. 356) afirma na vigésima de suas *Conferências introdutórias à psicanálise*. Depois de ter aludido a “uma autodisciplina desinteressada”, que deveria concernir à sua observação, ele falou sobre a homossexualidade como fenômeno de um grupo de indivíduos “cuja vida sexual se desvia, da maneira mais surpreendente, do quadro habitual da média. Somente pessoas do seu próprio sexo podem excitar seus desejos sexuais”. (FREUD, 1976e, p. 356). Todavia, ele reconheceu uma distinção: disse tratar-se de homens e mulheres que “frequentemente, mas não sempre”, conduzem-se, “irrepreensivelmente, em outros assuntos” e possuem um “elevado desenvolvimento intelectual e ético”. Apesar de conceber que os homossexuais são “apenas vítimas” de seu “único desvio fatídico”, ele os chamou de “pervertidos”. Contudo, como veremos a seguir, para Freud, a perversão não se limitava à homossexualidade. Ela incluía também outros fenômenos.

De fato, nas mesmas *Conferências introdutórias*, Freud falou sobre os casos em que houve uma modificação ora quanto ao “objeto sexual”, ora quanto à “finalidade sexual”. A lista mencionada é variada. Os primeiros concernem: (1) ao abandono da união dos órgãos genitais e sua substituição por outra parte do corpo, por exemplo: “substituem a vulva pela boca ou pelo ânus”; (2) a manter os genitais como objeto, mas atrelados a outras funções seja por motivos anatômicos, seja por causa de sua proximidade. Por exemplo, os casos em que “as funções excretórias”, que durante a educação das crianças foram postas de lado, “conservam a capacidade de atrair a totalidade do

³⁰ Traduções nossas.

interesse sexual”. (FREUD, 1976e, p. 357); (3) ao fetichismo: o abandono dos órgãos genitais e a consideração de alguma outra parte do corpo (“um seio de mulher, um pé, uma trança de cabelos”) como objeto de desejo, ou ainda de algo que não se ligue diretamente ao corpo (“uma peça de roupa, um sapato” etc.). (FREUD, 1976e, p. 358).

Freud (1976e, p. 360) mostra então que “impulsos homossexuais são encontrados invariavelmente em cada um dos neuróticos e que numerosos sintomas dão expressão a essa inversão latente”. Ele acrescentou ainda o seguinte: os que se “proclamam homossexuais são apenas invertidos conscientes e manifestos e seu número nada é comparável com o dos homossexuais latentes”. Não poderíamos entender esse raciocínio de Freud sem a ideia da bissexualidade que é também desenvolvida no texto *Uma criança é espancada*, de 1919. Depois de aprofundar o tema das fantasias de espancamento nos dois sexos, Freud (1976h, p. 251) afirma que, tanto “no homem como na mulher, encontram-se impulsos instintuais masculinos e femininos, e que cada um igualmente pode muito bem ser submetido à repressão e, assim, tornar-se inconsciente”. (FREUD, 1976h, p. 251).

Eis um resumo do que Freud expôs em *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*, texto de 1920. Tratava-se de uma jovem que já tinha tentado o suicídio. Ela fora severamente punida pelo pai, por amar “certa 'dama da sociedade', cerca de dez anos mais velha do que ela”. Essa analisante passara “pela atitude normal característica do complexo de Édipo feminino de maneira não tanto notável e posteriormente começara a substituir o pai por um irmão ligeiramente mais velho”. Freud não descobriu nada que indicasse um trauma sexual infantil, tampouco havia, na jovem, alguma lembrança disso. A comparação que ela fez, na primeira infância, “entre os órgãos genitais do irmão e os seus, [...] deixara-lhe forte impressão e tivera efeitos posteriores de grandes consequências”. Durante a puberdade, na escola ela se familiarizou “com os fatos do sexo [...] com sentimentos mistos de lascívia e assustada aversão, de uma maneira que se pode chamar de anormal e sem exagero em grau”. Freud diz que não se tratava de uma jovem “neurótica”: ela chegara à análise “sem um sintoma histérico”. (FREUD, 1976b, p. 193-194).

Freud interpretou como o “desejo de ser mãe e ter um filho” o fato de, entre os treze e os quatorze anos, essa jovem ter apresentado “uma afeição terna [...] e exageradamente forte por um menino de três anos de idade a quem costumava ver regularmente num *playground* infantil”. Todavia, após curto tempo, “tornou-se indiferente ao menino e começou a interessar-se por

mulheres maduras, porém de aparência ainda jovem”. Para Freud, um acontecimento tinha influenciado essa mudança: “uma nova gravidez de sua mãe, e o nascimento de um terceiro irmão quando a paciente contava cerca de dezesseis anos de idade”. A análise revelou que a mulher amada era uma substituta da mãe, embora a dama não fosse ela própria mãe. (FREUD, 1976b, p. 194-195).

A ligação da jovem com a amada tinha uma origem na bissexualidade.

A figura esbelta, a beleza severa e a postura ereta de sua dama faziam-na lembrar-se do irmão que era um pouco mais velho que ela. Assim, sua [...] escolha correspondia não só ao ideal feminino, como também ao ideal masculino; combinava a satisfação da tendência homossexual, com a da tendência heterossexual. É bem sabido que a análise de homossexuais masculinos, em numerosos casos, revelou a mesma combinação, o que deveria nos alertar contra formarmos uma concepção demasiado simples de natureza e gênese da inversão e mantermos em mente a bissexualidade universal dos seres humanos. (FREUD, 1976b, p. 195).

Apesar de a mãe ver na filha “uma competidora inconveniente”, “favorecer os filhos” somente e manter uma “vigilância especialmente estrita contra qualquer relação entre a jovem e o pai”, eis a explicação a que Freud chegou:

No exato período em que a jovem experimentava a revivescência de seu complexo de Édipo infantil, na puberdade, sofreu seu grande desapontamento. Tornou-se profundamente cônica do desejo de possuir um filho, um filho homem, seu desejo de ter o filho de seu *pai* e uma imagem *dele*, na consciência ela não podia conhecer. Que sucedeu depois? Não foi *ela*³¹ quem teve o filho, mas uma rival inconscientemente odiada, a mãe. Furiosamente ressentida e amargurada, afastou-se completamente do pai e dos homens, abjurou³² de sua feminilidade e procurou outro objetivo para sua libido. Assim procedendo, comportou-se como muitos homens que, após uma primeira experiência penosa, dão as costas, para sempre,

³¹ Grifos do autor.

³² Como no original, o verbo utilizado por Freud (1982, p. 267) foi *verwerfen*, traduzi-lo por abjurar fomenta uma compreensão errônea do que se trata.

ao infiel sexo feminino e se tornam odiadores de mulheres. [...] Após ter sido punida por sua atitude tão afetuosa para com uma mulher, compreendeu como poderia ferir o pai e vingar-se dele. Desde então, permaneceu homossexual em desafio ao pai³³, sequer também tinha escrúpulos em mentir-lhe e enganá-lo de todas as formas. (FREUD, 1976b, p. 196-198).

No texto original, o verbo utilizado por Freud (1982, p. 267) foi “*verwerfen*”³⁴ (“[...] *verwarf sie ihre Weiblichkeit*”). Isso significa somente que a jovem *rejeitou*³⁵ (declinou de, afastou-se de) sua feminilidade³⁶. Conforme veremos adiante, quando se trata de dizer abjurar – o que outros autores traduzem por renegar, desmentir etc. –, os verbos que Freud emprega são *leugnen* e mais frequentemente *verleugnen*³⁷. Segundo Simanke (1994, p. 202), Freud atribuiu a *Verleugnung*³⁸ à “origem tanto das psicoses quanto das perversões (notadamente, o fetichismo³⁹) e, mesmo, de alguns aspectos da sintomatologia neurótica”. Todavia, sua pesquisa sobre a “determinação genética própria da psicose permaneceu inconclusa”.

Freud reconheceu também a experiência psicanalítica, por ter-lhe demonstrado que o tipo de escolha de objeto independe das características predominantemente masculinas ou femininas. Quer dizer, um homem pode aparentar-se masculino “e também masculino em sua vida erótica”, mas ainda ser “invertido com respeito ao seu objeto”, enquanto aquele em que predominem “atributos femininos” possa, “na verdade, comportar-se no amor como uma mulher”. (FREUD, 1976b, p. 210). Não obstante, este pode “ser heterossexual e não mostrar, com respeito a seu objeto, mais inversão que um homem médio normal”. O mesmo acontece em relação às mulheres: “o caráter sexual mental e a escolha de objeto não coincidem necessariamente”. (FREUD, 1976b, p. 210).

³³ Infelizmente, ainda hoje alguns psicanalistas repetem essa incoerência. Não se trata de desafio, mas de protesto contra o não reconhecimento do desejo homossexual.

³⁴ Diante das diversas acepções que Freud deu à *Verwerfung*, Lacan decidiu-se por atribuí-la à psicose. O fato de não aprofundar esse assunto aqui, não impede de entender, com Freud, que a jovem homossexual não era psicótica.

³⁵ Grifo nosso.

³⁶ Tradução nossa.

³⁷ Preferimos traduzir o verbo *Verleugnen* por abjurar.

³⁸ Abjuração da castração ou diferença genital.

³⁹ Parênteses do autor citado.

Além desses dados sobre as variações que decorrem da bissexualidade, encontramos em um texto de 1923, *O ego e o id*, algo a mais que interessa particularmente. Segundo Freud, a fixação do caráter feminino depende de uma intensificação com a identificação com a mãe. Todavia, ocorre também o contrário. Para Freud ((FREUD, 1976g, p. 47) “uma menininha após ter que abandonar o pai como objeto de amor (isto é, o objeto que foi perdido)” pode pôr sua “masculinidade em proeminência” e se identificar com o modelo sexual de seu pai. Isso é possível porque a “bissexualidade originalmente presente na criança” acarreta, no complexo de Édipo, um aspecto “dúplice, positivo e negativo”. Freud reconhece aí um dado geral para considerar. O garoto “não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha afetuosa pela mãe”. Ao mesmo tempo, ele também pode se comportar “como uma menina” e apresentar “uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe”. (FREUD, 1976g, p. 48)⁴⁰.

Freud presume desses dados “a existência do complexo de Édipo completo” que ocorre nos neuróticos. Em “certo número de casos, um ou outro dos constituintes” positivo e negativo do Édipo “desaparece”. Disso, ficam, apenas, marcas pouco visíveis.

O resultado, então, é uma série com o complexo de Édipo positivo normal numa extremidade e o negativo invertido na outra, enquanto os seus membros intermediários exibem a forma completa com um ou o outro dos dois componentes preponderando. Na dissolução do complexo de Édipo, as quatro tendências em que ele consiste agrupar-se-ão de maneira a produzir uma identificação paterna e uma identificação materna. A identificação paterna preservará a relação de objeto com a mãe que pertencia ao complexo positivo e, ao mesmo tempo, substituirá a relação de objeto com o pai, que pertencia ao complexo invertido; o mesmo será verdade, *mutatis mutandis*, quanto à identificação materna. A intensidade das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância de uma ou outra das duas disposições sexuais. (FREUD, 1976g, p. 48-49).

Em obra de 1925, *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud falou sobre dois assuntos que nos interessam

⁴⁰ Para inferir o que concerne à menina quanto à bissexualidade, precisamos lembrar, com Freud, as diferenças que resultam do complexo de Édipo, pois não há um paralelo entre o que ocorre com a menina e o menino. Retornaremos a esse assunto mais adiante.

particularmente. Para ele, uma vez que o complexo de masculinidade se intensifica e perdura até a idade adulta, “uma menina pode recusar o fato de ser castrada, enrijecer-se na convicção de que *realmente*⁴¹ possui um pênis e subsequentemente ser compelida a comportar-se como se fosse homem”, na idade adulta. Para Freud (1976c, p. 314-315), esse comportamento tem a ver com uma “rejeição⁴²” da castração e significa “o começo de uma psicose”. Nesse caso, haveria realmente uma inveja do pênis. O que ocorre é distinto do que se pode atribuir ao efeito do recalque sobre a bissexualidade constitucional.

O que foi traduzido acima como “rejeição” necessita de um esclarecimento. Conforme duas notas do editor inglês James Strachey, Freud empregou inicialmente o verbo *leugnen*. Depois, ele o substituiu pela forma afim *verleugnen*. Para Strachey, a tradução desses verbos por “rejeitar” evita a confusão do que, em outro texto, Freud atribuiu à *verneinung*, ou seja, à negativa ou “negação”. (FREUD, 1976c, p. 314-315, nota 3; FREUD, 1976c, p. 182, nota 1). Todavia, de acordo com nossos comentários anteriores⁴³, acrescentamos que o que ocorreu aí não foi uma rejeição, mas uma abjuração (*Verleugnung*) da diferença genital.

No texto citado, Freud afirma que os indivíduos humanos, “em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas”. Assim sendo, a masculinidade e a feminilidade puras são “construções teóricas de conteúdo incerto”. (FREUD, 1976c, p. 320). A mesma ideia é reiterada em *Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise*, obra publicada em 1933, na qual Freud fala sobre as características sexuais secundárias que são “variáveis e inconstantes” e sobre “partes do aparelho masculino que aparecem no corpo da mulher, ainda que em estado atrofiado [sic]”. Ele acrescentou ainda que tais ocorrências são “indicações de bissexualidade, como se o indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos – simplesmente um pouco mais um, do que o outro”. Isso se dá porque “a proporção em que masculino e feminino se misturam num indivíduo está sujeita a flutuações muito amplas”. (FREUD, 1976f, p. 141).

Na mesma obra, Freud discorre sobre a origem da homossexualidade feminina. “Face à descoberta da castração feminina”, desenvolveu-se um

⁴¹ Grifo de Freud.

⁴² O termo original alemão que Freud utilizou foi *leugnen*. Segundo James Strachey, tal pode concernir também ao menino. (FREUD, 1976c, p. 314-315, nota 3).

⁴³ Conferir a nota 34 e o parágrafo referente a esta.

“intenso complexo de masculinidade”. A menina, exagerando “sua masculinidade prévia, apegando-se à sua atividade clitoridiana e refugia-se em atitude que ele caracterizou como uma “identificação com a mãe fálica ou com seu pai”. Freud supõe que tal desfecho resulta de um fator constitucional⁴⁴: “uma quantidade maior de atividade, tal como é característico do homem”. Segundo Freud, apesar de nessa fase do desenvolvimento ser evitada a “afluência da passividade que abre caminho à mudança rumo à feminilidade”, a homossexualidade feminina raramente ou nunca se originaria aí. Ela implica primeiramente “tomar o pai como objeto, por algum tempo, e ingressar na situação edípica”. Seria somente depois de uma decepção inevitável com o pai que a menina se tornaria homossexual e regressaria “a seu complexo de masculinidade anterior”. (FREUD, 1976f, p. 159-160).

A guisa de conclusão

Como foi dito, o que, em Freud, ilustra a ideia bruniana da relatividade do movimento diz respeito à bissexualidade constitucional, a qual, por sua vez, pode estar relacionada à ideia de um Inconsciente cujos procedimentos, como dissemos, não obedecem às leis lógicas do pensamento consciente. (RAIKOVIC *apud* BARROCAS, 2007, p. 97). São exemplos disso os trechos da obra de Freud que repetiremos a seguir⁴⁵:

- Uma atração anormal por um sexo sempre compreende uma tendência mais antiga dirigida a outro sexo. Quando alguém manifesta uma atração anormal por um sexo, esta compreende sempre uma tendência mais antiga dirigida ao outro sexo [...] que foi sobrepujada com esforço.
- Para a maioria das pessoas normais também o objeto implica a realização de um desejo bissexual; existe um deslocamento contínuo do homem sobre a mulher e vice-versa.
- Os impulsos homossexuais são encontrados invariavelmente em cada um dos neuróticos e numerosos sintomas dão expressão a essa inversão latente.
- O número de invertidos conscientes em nada é comparável com aquele dos homossexuais latentes.

⁴⁴ Freud (1976d, p. 278-280) supõe o mesmo em relação ao homossexual que se identifica com a mãe. Ele fala de “fator orgânico que favorece o papel passivo no amor”. Não aprofundamos esse assunto aqui.

⁴⁵ As respectivas referências bibliográficas foram feitas ao longo do item “A homossexualidade feminina em Freud”.

- No homem, como na mulher, encontram-se impulsos instintuais masculinos e femininos, e que cada um igualmente pode muito bem ser submetido à repressão e, assim, tornar-se inconsciente.
- Todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas. Assim sendo, a masculinidade e a feminilidade puras são construções teóricas de conteúdo incerto.
- Uma menina, após ter que abandonar o pai como objeto de amor, pode pôr sua masculinidade em proeminência e se identificar com o pai. Tal é possível porque a bissexualidade, originalmente presente na criança, acarreta no complexo de Édipo um aspecto dúplice, positivo e negativo.
- O garoto não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha afetuosa pela mãe. Ao mesmo tempo, ele também pode se comportar como uma menina e apresentar uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe.
- As características sexuais secundárias são variáveis e inconstantes. Tais ocorrências são indicações de bissexualidade, como se o indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos, simplesmente um pouco mais um do que o outro. A proporção em que masculino e feminino se misturam num indivíduo está sujeita a flutuações muito amplas.

Embora esses dados ilustrem a relatividade do movimento mediante a bissexualidade constitucional, nem todos eles remetem à ideia galileica de uma homogeneização dos campos de fenômenos. Queremos dizer, como Freud legitimava somente a heterossexualidade, o que se referia à homossexualidade permaneceu atrelado às dicotomias aristotélicas dos pares de opostos de caráter antitético, a saber: normalidade e atração anormal, inversão e heterossexualidade e aspectos positivo e negativo do complexo de Édipo.

Ora, se levarmos a sério o critério galileico da homogeneização aludida, com respeito à validade de uma mesma lei relativa ao Inconsciente que prive a classificação da sexualidade feminina das dicotomias aristotélicas, teremos que legitimar não somente um dos efeitos do recalque na bissexualidade constitucional, mas dois. Deveremos, então, considerar legítimo também o que concerne à homossexualidade. Um esboço desse modo de pensamento encontra-se já em Freud. De fato, em 1920 (FREUD, 1976b, p. 193), quanto à jovem homossexual, ele disse tratar-se de “determinada variedade da organização genital”. Mais tarde, em carta de 1935, endereçada a uma mãe norte-americana que se queixava da sexualidade do filho, ele

(FREUD apud ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 353) escreveu: a homossexualidade não é “*vício, aviltamento*”, tampouco “*doença*”, mas uma “*variação da função sexual*”⁴⁶.

A legitimidade a que aludimos remete também ao que Freud acrescentou quanto à jovem homossexual. Depois de mostrar que a sua ligação com a amada tinha uma origem na bissexualidade, ele advertiu que, contra a formar uma concepção demasiado simples sobre a homossexualidade, deveríamos manter em mente a bissexualidade universal dos seres humanos. Para Freud, portanto, a escolha de objeto nessa jovem, como naquela de “*numerosos casos da homossexualidade masculina, correspondia ao ideal feminino como ao ideal masculino, isto é, combinava a satisfação da tendência homossexual com aquela da heterossexualidade*”. (FREUD, 1976b, p. 195).

De acordo com o que expusemos inicialmente com Lewin (2975), consideramos que a ideia da homossexualidade feminina como variedade da organização genital procede de uma concepção galileica. Os fenômenos concebidos em pares opostos e dicotomias lógicas semelhantes podem ser reunidos doutra forma: em agrupamentos que, com a ajuda de conceitos em série, permitam uma variação contínua entre si. Em parte, tal procedimento é devido à experiência mais ampla e ao reconhecimento de que as fases de transição estão sempre presentes. O que queremos dizer, que não é sem Freud, é que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas e que a masculinidade e a feminilidade puras são construções teóricas de conteúdo incerto.

Conforme essas referências, poderíamos correlacionar a heterossexualidade e a homossexualidade femininas tanto ao que da bissexualidade constitucional remeteria à repressão quanto à ideia de um *continuum*. Como resultado, teríamos uma série de fenômenos com o complexo de Édipo heterossexual numa extremidade e o homossexual na outra, enquanto os seus membros intermediários exibiriam a forma completa com um ou o outro dos dois componentes preponderando. Na dissolução do aludido complexo, as quatro tendências em que ele consiste se agrupariam de maneira a produzir tanto a identificação mediante o modelo heterossexual da mãe quanto uma variação deste, ou seja, uma variedade da organização genital feminina. Não se trataria de uma identificação mediante o modelo sexual do pai, porque o que ocorreria não seria propriamente uma inversão da

⁴⁶ Grifos dos autores citados.

feminilidade como Freud pensara, nem recusa da castração e subsequente abjuração (*Verleugnung*) da diferença genital. Esta última aconteceria somente nos casos em que Freud percebera o início de uma psicose.

A ideia de não haver inversão da feminilidade na homossexualidade feminina pode ser reforçada se considerarmos, com Freud, que há uma disposição filogenética, isto é, um precipitado da experiência anterior da espécie que se juntou aos fatores acidentais: a experiência mais recente do indivíduo. Tal visão concerne também ao que Colette Chiland chamou de femeidade. De fato, tanto para as heterossexuais como para as homossexuais, há as mesmas determinações de “*carregarem mamas*”⁴⁷, de haver não somente uma “*descontinuidade visível das etapas que se situam sob o signo do sangue: a primeira menstruação e o ritmo das seguintes*”, mas também a elaboração da oposição entre “*receptividade e penetração*” e dos temas da “*defloração, a maternidade e a menopausa*”. (CHILAND, 1993, p. 241-242).

Voltemos ao tema da repressão. Como já comentamos, o texto original mostra que Freud atribuiu à jovem homossexual uma rejeição⁴⁸ (*Verwerfung*) da feminilidade e não uma abjuração (*Leugnung* ou *Verleugnung*). Retificamos: como consideramos a feminilidade como relativa ao desejo de uma mulher na heterossexualidade tanto quanto na homossexualidade, consideramos que a rejeição aludida só concerne à heterossexualidade. Para Freud, contudo, em seu raciocínio, essa jovem retrocedera a seu complexo de masculinidade, depois de tomar o pai como objeto. Aprofundemos algo a esse respeito.

De acordo com Hanns, Freud empregou o termo *Verwerfung* em duas acepções: uma no sentido de “descartar”, “condenar”, e outra “num sentido mais próximo da concepção lacaniana de forclusão”⁴⁹. (HANNS, 1996, p. 375). Todavia, o termo conserva a conotação “de eliminação e afastamento resolutivo de conteúdos”. Isso o “diferencia linguisticamente da *Verleugnung* e da *Verdrängung*”, ou seja, do que pode ser atribuído a uma abjuração da diferença genital por um lado, e, pelo outro, ao recalque ou à repressão. Ora, como o desenvolvimento da jovem homossexual implicou inicialmente a relatividade do movimento da bissexualidade constitucional, percebemos na *Verwerfung* a que Freud alude algo relativo à repressão.

⁴⁷ Todos os grifos são da autora mencionada.

⁴⁸ Consideramos aqui a retificação a que procedemos quanto à tradução da obra de Freud que utilizamos. Conferir notas 32, 33 e 34 e seus parágrafos referentes.

⁴⁹ Embora o autor tenha dito ‘forclusão’, preferimos o termo ‘foraclusão’.

Consideramos que teria ocorrido, na jovem homossexual, aquilo que, com outro propósito, Hanns (1996, p. 373) ressaltou do artigo *A repressão*: uma “rejeição baseada no julgamento (*Urteilsverwerfung*) (condenação) constituirá um bom método a ser adotado contra um impulso instintual”. A repressão constituiria assim “uma etapa preliminar desta condenação”. Esta condenação, por sua vez, ter-se-ia referido a um só aspecto da feminilidade investido anteriormente: o desejo de possuir um filho de outro homem que não seu pai. O que não pôde ter acesso à consciência, contudo, foi o desejo de ter o filho de seu pai. Devido à condenação aludida, a libido teria sido transferida para os objetos homossexuais.

Para terminar, queremos acrescentar que aderimos ao pensamento daqueles que, a partir do próprio Freud, concebem a psicanálise, como disse Paiva (2006, p. 160), não como uma “*scientia sexualis* (implicando uma codificação jurídico-científico-moral dos atos e dos desejos)”, mas enquanto “uma *estética da existência*”⁵⁰.

⁵⁰ Grifos do autor citado.

Referências

- ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- BARROCAS, Ricardo. A relação entre uma ordem das homossexualidades masculinas e a heterossexualidade atípica da histeria de angústia. In: VALE, Alexandre; PAIVA, Antônio (Org.). *Estilísticas da sexualidade*. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes, 2006.
- BARROCAS, Ricardo. Investigação epistemológica das homossexualidades masculinas em Freud: uma perspectiva lewino-bruniana. *Bagoas: revista de estudos gays*, Natal, v. 1, n. 1. jul./dez. 2007.
- CHILAND, Colette. *Homo psychanalyticus*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1993.
- DELRIEU, Alain. *Sigmund Freud: Índice Thématique*. Paris: Anthropos, 1997.
- FREUD, Sigmund. *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. (Obras completas, v. 19).
- FREUD, Sigmund. *A psicogênese de um caso de homossexualismo feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. (Obras completas, v. 18).
- FREUD, Sigmund. *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976c. (Obras completas, v. 19).
- FREUD, Sigmund. *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976d. (Obras completas, v. 18).
- FREUD, Sigmund. *Análise terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Obras completas, v. 23).
- FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias sobre a psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1976e. (Obras completas, v. 16).
- FREUD, Sigmund. *Leonardo da Vinci, uma lembrança da sua infância*. Rio de Janeiro: Imago, 1970. (Obras completas, v. 11).
- FREUD, Sigmund. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1976f. (Obras completas, v. 22).
- FREUD, Sigmund. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1976g. (Obras completas, v. 19).
- FREUD, Sigmund. *Os instintos e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obras completas, v. 14).
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Obras completas, v. 7).
- FREUD, Sigmund. *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*. Rio de Janeiro: Imago, 1976h. (Obras completas, v. 17).

FREUD, Sigmund. *Über die Psychogenese eines Falles von weiblicher Homosexualität*, Frankfurt-am-Main: Fischer Verlag, 1982. (Studienausgabe, Band VII: Zwang, Paranoia und Perversion).

HANNIS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KOYRÉ, Alexandre. *Estudos galiláicos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

LEWIN, Kurt. O conflito entre os modos aristotélico e galileico de pensamento na psicologia contemporânea. In: LEWIN, Kurt. *Teoria dinâmica da personalidade*. São Paulo: Cultrix, 1975.

MITCHELL, Juliet. *Psicanálise da sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

PAIVA, Antônio. Cartografia psicanalítica da homossexualidade. In: VALE, Alexandre; PAIVA, Antônio (Org.). *Estilísticas da sexualidade*. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes Editora, 2006.

PIAGET, Jean. A epistemologia e suas variedades. In: PIAGET, Jean (Org.). *Lógica e conhecimento científico*. Lisboa: Livraria Civilização, 1980. v. 1.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SIMANKE, Richard. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

SOUSA FILHO, Alípio. A resposta gay. In: BARROS JÚNIOR, Francisco; LIMA, Solimar (Org.). *Homossexualidades sem fronteiras: olhares*. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2007.

STRACHEY, James. Notas do editor inglês in FREUD, Sigmund. *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976c. (Obras completas, v. 19).

VALE, Alexandre. O riso da paródia: transgressão, feminismo e subjetividade. In: VALE, Alexandre; PAIVA, Antônio (Org.). *Estilísticas da sexualidade*. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes, 2006.

